

A produção industrial brasileira e gaúcha após a crise financeira internacional

Silvia Horst Campos*

Economista da FEE e Professora da PUCRS

Maria Lucrecia Calandro**

Economista da FEE e Professora da PUCRS

O desempenho da indústria brasileira no ano de 2009 reflete, em larga medida, os impactos do aprofundamento da crise financeira no mês de setembro do ano anterior. Até ocorrer a explosão da crise global, a atividade produtiva encontrava-se em uma fase de expansão, iniciada no final de 2005, e impulsionada pelo vigoroso aumento do consumo doméstico e pela expansão dos investimentos. Além das condições internas favoráveis — quedas sucessivas nas taxas de juros, aumento do volume de crédito e expansão dos prazos de financiamento —, o ambiente externo favorável foi fundamental para essa *performance*. A grande disponibilidade de recursos internacionais, em associação com a demanda mundial em expansão, viabilizou a obtenção de seguidos superávits na balança comercial e o aumento expressivo no volume de reservas. O efeito benéfico desse processo foi a redução da vulnerabilidade externa e a consequente obtenção do grau de investimento (Carta Conj., 2009).

Em setembro de 2008, esse círculo virtuoso baseado em recursos externos abundantes e demanda externa crescente, em paralelo com o mercado interno aquecido, foi interrompido. À quebra de importantes instituições financeiras norte-americanas e, ao consequente aumento da aversão global ao risco, seguiu-se um movimento brutal de “enxugamento” da liquidez e uma forte contração da demanda internacional. No Brasil, isso significou restrição de acesso a linhas de financiamento no exterior — necessárias ao financiamento das exportações —, bem como diminuição do fluxo de capitais e redução das linhas de crédito no mercado doméstico.

A crise global impôs a realização de ajustes rápidos e profundos na produção da indústria brasileira. Isso porque, frente às expectativas de crescimento continuado do consumo, grande parte das empresas havia investido

na formação de estoques elevados. Dessa forma, o ajuste foi feito mediante “[...] uma queda abrupta do nível de atividade, que atingiu de maneira significativa a produção industrial, pelo lado da oferta, e a formação bruta de capital fixo (FBCF), juntamente com o volume de comércio, pelo lado da demanda” (Carta Conj. 2009, p. 5).

Ao mesmo tempo em que se aproximava o momento de explosão da crise global, no mercado interno, já existiam alguns sinais de desaceleração do ritmo de crescimento da produção. Entre eles, tem-se o excesso de estoques em alguns segmentos industriais, o elevado endividamento das famílias e o efeito contracionista da política monetária adotada em abril, pelo Banco Central.

Foi justamente a combinação desses fatores internos e externos que impôs uma forte desaceleração na atividade produtiva no quarto trimestre de 2008. No processo de ajustamento à nova situação econômica, as empresas realizaram elevados e sucessivos cortes na produção e no emprego e postergaram a realização de investimentos, de forma a adequar o volume de produção física à demanda em queda. O resultado dessas medidas aparece na sucessão de taxas negativas registradas pelos índices de produção física calculados pelo IBGE. O indicador acumulado no ano, no entanto, mostra uma taxa de crescimento elevada (6,4%), que foi garantida pelo excelente desempenho registrado no primeiro semestre.

Os impactos da crise financeira sobre a atividade fabril brasileira estenderam-se pelo ano de 2009, resultando em taxas de crescimento negativas nos três primeiros trimestres do ano, variação medida pelo índice trimestre/trimestre do ano anterior. Essa contração da produção, no entanto, foi sendo pouco a pouco amenizada pelos efeitos da política anticíclica adotada pelo Governo Federal, como se constata na análise dos índices trimestre/trimestre anterior, os quais mostram variação positiva já no segundo trimestre de 2009, sinalizando o início de um novo ciclo expansivo. Isso ocorreu porque, com economia estável, nível de inflação mantido em

* E-mail: campos@fee.tche.br

** E-mail: calandro@fee.tche.br

patamar reduzido e elevado volume de reservas, a rápida ação governamental no sentido de injetar liquidez na economia, manter o poder de compra dos consumidores e estimular os investimentos possibilitou reduzir os efeitos da crise na economia brasileira. A política anticíclica do Governo e o ajustamento do volume de estoques criaram condições para a retomada do crescimento. No acumulado do ano, porém, a produção física da indústria de transformação registrou uma forte contração (-7,3%) na comparação com igual período do ano anterior.

Nos últimos meses de 2009, os indicadores de produção física, embora com taxas negativas, mostraram a recuperação da produção industrial da maioria das atividades produtivas, o que também é constatado pelo indicador do grau de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação (indicador sem ajuste sazonal), que se elevou em 3,6% em relação a dezembro do ano anterior (Carta IEDE, 2010).

Essa nova fase de expansão da atividade fabril, à semelhança da anterior, deverá ter sua dinâmica sustentada, mais uma vez, pelo consumo doméstico e pela formação bruta de capital fixo (FBCF), em decorrência da esperada recuperação dos investimentos produtivos. O problema dessa estratégia é a sua capacidade de garantir um crescimento sustentável no longo prazo, tendo em vista os seus impactos sobre a matriz industrial. O padrão de crescimento e de inserção externa, adotado pelo Governo brasileiro nos últimos anos, embora tenha possibilitado o acúmulo de um volume elevado de reservas e a redução da vulnerabilidade externa, importantes para manter a estabilidade econômica, teve como lado perverso a perda persistente de competitividade dos produtos manufaturados, em paralelo ao ganho de vantagens competitivas por parte dos setores produtivos intensivos em recursos naturais, e, mais grave ainda, o rompimento de importantes elos de diversas cadeias produtivas.

A manutenção do real valorizado a partir de 2003, com pequenas fases de desvalorização, vem encarecendo as exportações brasileiras e incentivando a entrada de produtos estrangeiros no mercado doméstico. Nesse ambiente, empresas de grande porte estão implantando fábricas em outros países, superando assim as dificuldades colocadas à produção e à exportação de seus produtos. Esse movimento, além de reduzir o número de empregos e o valor adicionado pela indústria local, rompe elos importantes da cadeia produtiva (Kupfer apud Cintra, 2010, p. 32).

Além da transferência de investimentos para outros países, o câmbio apreciado, em um ambiente caracterizado pelo excesso de oferta, atrai produtores

internacionais mais competitivos, desestimulando a produção interna de diversos produtos, especialmente os de insumos intermediários, importantes nos encadeamentos industriais no País.

À luz dessas considerações, será realizada uma análise do desempenho da produção industrial brasileira e gaúcha no ano de 2009, tendo como pano de fundo a crise financeira e as medidas governamentais implementadas no sentido de retomar a trajetória de expansão da atividade fabril. Após esta introdução, na seção 1, será examinado o comportamento da produção física da indústria de transformação brasileira, agrupado por categorias de uso e por atividade produtiva. Na seção 2, será analisado o desempenho da indústria gaúcha, comparado com o nacional e desagregado segundo as principais atividades.

Desempenho da indústria brasileira

Em 2009, o indicador de variação da produção física acumulado no ano mostrou uma contração de 7,4% na quantidade de bens industriais produzidos, na comparação com igual período do ano anterior. Essa taxa é explicada pela sequência de resultados negativos que passaram a ocorrer a partir da forte inflexão na trajetória de expansão da atividade fabril no último trimestre de 2008.

A mudança na trajetória da indústria brasileira e a retomada no segundo trimestre de 2009 podem ser observadas na Tabela 1, que apresenta as taxas trimestrais de crescimento das principais atividades produtivas agrupadas por categorias de uso. A queda abrupta e acentuada da produção física da indústria fica evidente na análise trimestre/trimestre do ano anterior; até o terceiro trimestre de 2008, a produção física vinha crescendo à taxa média superior a 6,0% e, no último trimestre, o corte abrupto da produção resultou em uma taxa negativa de 6,3%. Embora os resultados negativos se repitam nos três trimestres seguintes, as quedas são cada vez menores, sinalizando a retomada da produção.

A inversão na trajetória de expansão da produção física industrial no último trimestre de 2008 e a posterior retomada a partir do segundo trimestre de 2009 podem ser visualizadas na análise dos indicadores trimestre/trimestre anterior. As informações da tabela mostram que, após a ocorrência de duas taxas negativas seguidas, a produção industrial voltou a apresentar variações positivas em praticamente todos os setores industriais.

É de particular importância o desempenho do segmento de bens de capital e o de bens intermediários, devido aos seus efeitos propulsores e encadeadores da atividade produtiva.

Para a retomada da produção, foram importantes os estímulos aos investimentos realizados pelo BNDES no âmbito do Programa de Sustentação do Investimento (PSI), que permitiu o financiamento de bens de capital com juros equivalentes aos praticados no mercado internacional (4,5%) (Graner, 2010). O BNDES desembolsou R\$ 135 bilhões, sendo que 46% desse total foi direcionado à indústria, especialmente aos segmentos de química e petroquímica (Monteiro, 2010). As empresas estatais, que já vinham investindo antes da eclosão da crise, assumiram a maior parte dos gastos, em uma clara estratégia de atenuar os efeitos da crise, e investiram R\$ 71,5 bilhões em 2009 (Graner, 2010).

Os segmentos mais atingidos pelos impactos da crise financeira internacional, os quais se manifestaram particularmente em retração das exportações e em forte contração dos investimentos domésticos, foram os setores ligados à produção de **bens de capital**, cuja produção foi reduzida em 17,4% no acumulado do ano, e o setor produtor de **bens intermediários**, com a segunda maior queda (-8,8%), em razão da redução brusca das exportações de *commodities* e da retração da demanda doméstica por insumos industriais.

O setor produtor de **bens de consumo duráveis**, apesar das medidas governamentais de incentivos ao consumo interno, especialmente a desoneração tributária para automóveis e eletrodomésticos da “linha branca”, registrou uma retração de 6,4%.

A menor queda foi observada no segmento de **bens semiduráveis e não duráveis** (-1,6%), cuja produção, voltada basicamente para o mercado interno, foi sustentada por políticas de renda que preservaram o emprego e a massa de rendimentos reais da população. A taxa negativa é explicada principalmente pela retração da exportação de alguns ramos de alimentos e pela diminuição da produção dos segmentos vestuário e têxtil (Carta IEDE, 2010, p. 1).

A Tabela 2 apresenta as taxas de crescimento acumuladas, por setores e por atividades, da produção industrial nos dois últimos anos. A análise do desempenho da produção física em 2008 é realizada dividindo-se o ano em dois períodos, o que permite visualizar melhor a abrupta inflexão na trajetória de expansão da produção industrial brasileira. Inicialmente, a fase de expansão da produção, que ocorreu nos primeiros nove meses e, posteriormente, os três meses restantes, período marcado pelo aprofundamento da crise financeira internacional.

Observa-se, em primeiro lugar, o bom desempenho da produção industrial nos primeiros nove meses de 2008, período em que a maioria das atividades registrou taxas de crescimento expressivas, exceção feita a calçados e artigos de couro, segmento que, há vários anos, vem sofrendo com o real valorizado e com o acirramento da concorrência com os calçados chineses.

No último trimestre de 2008, o ajuste da produção promovido pelos empresários levou à queda generalizada na produção física da maioria dos setores industriais. Apesar da forte contração do nível de atividade produtiva, o indicador anualizado atingiu uma taxa de crescimento positiva (3,1%), como resultado da expansão a taxas elevadas no período pré-crise.

O movimento de contração generalizada da produção prosseguiu pelo ano de 2009, porém foi perdendo intensidade, principalmente a partir do segundo trimestre do ano, como mostram as taxas de crescimento acumuladas por períodos do ano de 2009, em comparação com igual período do ano anterior. Destacam-se, pela magnitude da diminuição e pela rápida recuperação das quantidades produzidas, as seguintes atividades ligadas ao segmento de bens de capital: produtos de metal, máquinas e equipamentos, máquinas para escritório e equipamentos de informática, máquinas, aparelhos e materiais elétricos e material eletrônico.

A **indústria calçadista** repete, em 2009, o fraco desempenho, acumulando taxas negativas, tanto na produção quanto nas exportações. Além da perda de competitividade decorrente da política de valorização do real, as empresas desse segmento produtivo enfrentam a cada ano um acirramento da concorrência chinesa nos seus principais mercados. Em 2009, a produção totalizou 725 milhões de pares, sendo que 126,6 milhões de pares, o que representa uma queda de 28% em relação ao ano anterior (Abicalçados, 2010). No processo de ajustamento ao novo ambiente competitivo, as empresas calçadistas brasileiras, desde os anos 90, procuram diversificar e ampliar o número de países de destino — no começo da década, as exportações eram direcionadas para 78 países e, em 2009, esse número elevou-se para 140 — e, mais recentemente, adotam estratégias de agregação de valor, o que tem permitido a elevação do preço médio do calçado exportado.

O crescimento gradual do preço médio, bem como no número de países de destino das exportações nos últimos anos, reflete as estratégias atuais das empresas calçadistas brasileiras que focam na diversificação de mercados e na diferenciação dos seus produtos agregando valor ao mesmo. (Abicalçados, 2009, p. 3).

A **indústria automobilística**, incluindo automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus, beneficiada com a redução do IPI e com o reaquecimento da demanda interna, atingiu, em 2009, um novo recorde de vendas internas (licenciamentos) de veículos novos, superando em 11,4% o resultado do ano anterior. Deve-se salientar, contudo, que esse resultado reflete o crescimento nos licenciamentos de automóveis e comerciais leves, uma vez que caminhões e ônibus tiveram desempenho negativo.

A esse crescimento do mercado interno contrapõe-se a redução de 35,3% nas exportações de autoveículos (montados mais desmontados); foram vendidos, no

mercado externo, 475,3 milhões de unidades, contra 734,6 milhões registrados em 2008. Embora a redução das vendas externas tenha sido generalizada, as piores taxas foram observadas no segmento de caminhões (-65,2%) e ônibus (-36,9%) (Carta Anfavea, 2010).

Em termos de variação da produção física, medida pelo IBGE (Tabela 2), a atividade veículos automotores, a qual inclui também partes e peças, registrou uma queda de 12,4%. A contração da produção foi mais elevada no primeiro semestre do ano, apesar do aquecimento nas vendas, tendo em vista o elevado nível de estoque na rede de distribuição.

Tabela 1

Taxas de crescimento trimestrais da indústria de transformação, segundo categorias de uso, no Brasil — 2008 e 2009

PERÍODOS	BENS DE CAPITAL		BENS INTERMEDIÁRIOS		BENS DE CONSUMO DURÁVEIS		BENS DE CONSUMO SEMI E NÃO DURÁVEIS		INDÚSTRIA GERAL	
	A (1)	B (2)	A (1)	B (2)	A (1)	B (2)	A (1)	B (2)	A (1)	B (2)
2008										
1º trimestre	17,3	4,2	6,1	1,6	13,7	6,0	1,3	0,1	6,4	0,7
2º trimestre	19,2	3,2	4,4	-0,4	14,1	0,6	1,9	0,4	6,2	1,3
3º trimestre	19,7	4,8	5,2	0,7	9,0	-1,7	3,6	1,7	6,7	1,7
4º trimestre	2,5	-10,9	-9,2	-11,2	-19,4	-24,2	-1,2	-3,7	-6,3	-10,4
2009										
1º trimestre	-20,2	-17,9	-18,1	-6,4	-22,6	2,9	-2,8	-1,5	-14,6	-6,5
2º trimestre	-25,4	-0,7	-13,5	4,1	-16,3	11,0	-3,3	1,7	-12,3	4,2
3º trimestre	-22,1	6,9	-9,1	4,6	-5,6	9,0	-2,7	0,6	-8,2	4,7
4º trimestre	-1,6	13,3	6,7	4,5	25,0	2,6	2,2	1,4	5,8	3,6
Jan.-dez.		-17,4		-8,8		-6,4		-1,6		-7,4

FONTE: INDICADORES IBGE: pesquisa industrial mensal: produção física Brasil. Rio de Janeiro, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpfbr/default.shtm>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

(1) Base: igual trimestre do ano anterior. (2) Base: trimestre/trimestre imediatamente anterior.

Tabela 2

Taxas de crescimento acumuladas da produção industrial, por setores e atividades, no Brasil — 2008 e 2009

(%)

SEÇÕES E ATIVIDADES	2008		2009			
	Jan.-Set.	Jan.-Dez.	Jan.-Mar.	Jan.-Jun.	Jan.-Set.	Jan.-Dez.
Indústria geral	6,43	3,09	-14,59	-13,39	-11,56	-7,41
Indústria extrativa	7,36	3,78	-15,79	-13,71	-12,38	-8,79
Indústria de transformação	6,38	3,05	-14,52	-13,37	-11,51	-7,33
Alimentos	1,14	0,53	-2,76	-2,39	-2,2	-1,70
Bebidas	0,73	0,26	5,48	5,21	5,83	7,06
Fumo	-7,98	-7,04	-4,87	-0,56	-0,85	-2,36
Têxtil	0,34	-1,9	-10,63	-10,96	-9,54	-6,38
Vestuário e acessórios	5,97	3,18	-13,6	-12,08	-10,28	-7,86
Calçados e artigos de couro	-3,57	-6,77	-19,36	-17,06	-14,56	-8,57
Madeira	-8,93	-10,23	-25,53	-24,57	-21,82	-17,66
Celulose, papel e produtos de papel	6,97	5,23	-5,43	-5,16	-3,38	-1,41
Edição, impressão e reprodução de gravações	2,96	1,65	-3,29	-4,61	-5,09	-2,68
Refino de petróleo e álcool	1,93	0,37	-1,51	-2,66	-2,59	-0,77
Farmacêutica	10,65	12,67	13,11	10,32	8,28	7,91
Perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza	-4,09	-4,77	-3,03	-0,37	2,99	4,68
Outros produtos químicos	4,45	-1,36	-20,99	-14,21	-9,44	-4,35
Borracha e plástico	8,75	2,15	-20,67	-19,64	-16,4	-9,29
Minerais não metálicos	9,83	8,26	-6,71	-7,22	-7,04	-4,64
Metalurgia básica	7,77	3,28	-30,79	-27,84	-23,76	-17,54
Produtos de metal — exclusive máquinas e e equipamentos	5,97	2,43	-21,64	-20,64	-19,32	-14,65
Máquinas e equipamentos	10,6	6,01	-28,4	-29,19	-25,78	-18,50
Máquinas para escritório e e equipamentos de informática	-2,67	-8,94	-21,92	-20,59	-12,88	-6,62
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	6,98	3,69	-26,97	-25,03	-24,24	-20,56
Material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações	6,2	-2,92	-42,72	-40,05	-33,14	-25,51
Equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros	16,97	15,97	-4,31	-8,62	-12,39	-12,04
Veículos automotores	17,58	8,14	-27,22	-23,62	-21,94	-12,37
Outros equipamentos de transporte	31,54	42,23	26,23	13,98	9,08	2,35
Mobiliário	4,23	-1,45	-14,84	-13,59	-9,71	-2,87

FONTE: IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Indústria.

NOTA: Os dados têm por base igual período do ano anterior = 100.

Indústria gaúcha em processo de recuperação de perdas

Após três anos de taxas de crescimento positivas, em 2009, o Produto Interno Bruto (PIB) da economia gaúcha voltou a apresentar um desempenho negativo (-0,8%), segundo estimativas preliminares da Fundação de Economia e Estatística (FEE, 2009). A indústria recuou

5,3%, taxa em grande parte determinada pelo declínio acentuado da indústria de transformação (-9,3%). As demais atividades industriais apresentaram taxas positivas, em especial a construção civil, que cresceu 6,7% na comparação com 2008. O dinamismo desse subsetor continuou fortemente estimulado por crédito abundante e facilidades na obtenção de financiamentos e, por último, pela isenção do IPI de alguns de seus insumos principais.

O recuo da produção da indústria de transformação no último trimestre de 2008 e nos primeiros meses de

2009 confirma a previsão efetuada de que, ao atingir o lado real da economia, a crise financeira mundial provocaria uma forte redução no nível da atividade da indústria. O recuo foi sentido em todos os estados brasileiros investigados mensalmente pelo IBGE, mas em diferentes magnitudes, tendo em vista as distintas matrizes industriais locais. A indústria do Espírito Santo foi a que apresentou a maior queda na taxa de crescimento acumulada da produção física da indústria de transformação no ano de 2009 na comparação com 2008 (-14,6%). O melhor desempenho ocorreu em Goiás, que estabilizou a taxa no período considerado (0%). A taxa obtida pela indústria de transformação gaúcha (-7,2%) assemelhou-se à média nacional, que foi de -7,4% (Ind. IBGE, 2010).

A crise impactou a indústria gaúcha de duas formas principais: via queda da demanda internacional por produtos exportados e da demanda por bens intermediários para a indústria nacional e via redução da receita das empresas em razão da necessidade de fazer promoções para desovar estoques, o que gerou impactos negativos sobre a capacidade de investimento futura (O que..., 2010). Também devem ser ressaltados o aumento da taxa de desemprego e a diminuição da massa salarial com efeitos negativos sobre a demanda interna, especialmente de bens de consumo.

Embora os resultados acumulados no ano sejam negativos, as indústrias nacional e regional encontram-se em um evidente processo de recuperação, o qual pode ser melhor compreendido por meio da análise da evolução das taxas de crescimento dos índices de produção física em bases mensais ao longo de 2008 e 2009 (Gráfico 1). Utiliza-se para isso o índice de base fixa da série com ajustamento sazonal (base média de 2002 = 100), comparando-se cada mês com o mesmo período do ano anterior.

De imediato, têm-se duas observações a fazer. A primeira refere-se ao patamar em que as taxas de crescimento mensais se movem, mais elevado no Brasil do que no Rio Grande do Sul, com exceção de março e novembro de 2009. Fatores como uma matriz industrial com uma expressiva vinculação com a agropecuária, existência de vários segmentos industriais fortemente exportadores, representativos no Valor da Transformação Industrial (VTI), e foco reduzido em bens de consumo duráveis, têm-se mostrado decisivos para a *performance* da indústria no Estado, conformando uma dinâmica diferente da nacional e de outros estados brasileiros. Assim, por exemplo, a ocorrência de um ciclo de forte estiagem (como o de 2004/2005); de um período longo de apreciação cambial (presente em grande parte da

segunda metade dos anos 2000); de restrições de crédito aos exportadores; e de uma política macro e microeconômica que beneficiou os setores produtores de bens de consumo duráveis, tal como a recente desoneração fiscal de automóveis e eletrodomésticos, consistem em fatores que impactaram negativamente a indústria de transformação estadual conferindo “[...] um descolamento do desempenho gaúcho frente ao restante da economia [indústria] nacional” (Por que..., 2010, p. 3).

A segunda observação ressalta a semelhança das trajetórias das taxas de crescimento de ambas as indústrias, identificando-se três momentos nessa evolução: relativa manutenção dos patamares até setembro de 2008; queda brusca e acentuada na produção entre outubro de 2008 e primeiros meses de 2009; e retomada gradual do crescimento da atividade ao longo do restante de 2009.

O primeiro momento da evolução das taxas mensais mostra a indústria brasileira crescendo a uma taxa média de 6,6%, e a do Rio Grande do Sul, em apenas 1,8% em média. Essa constatação ganha visibilidade nas diferenças no patamar produtivo de ambas as indústrias, que se mostra bem mais elevado no caso da indústria brasileira. A indústria gaúcha ainda se encontrava em fase de consolidação da recuperação das perdas acumuladas de 2005 e 2006, decorrentes da crise do setor agrícola, que impactou negativamente a indústria fornecedora de matérias-primas e de bens de capital (basicamente máquinas agrícolas) e se estendeu para outros segmentos industriais, como a cadeia coureiro-calçadista, a atividade moveleira e a indústria de alimentos e bebidas. A ideia era de que o crescimento efetivo da atividade no Estado aconteceria apenas em 2009 (Calandro; Campos, 2008).

A queda substancial na atividade industrial ocorrida no último trimestre de 2008 também foi mais sentida pela indústria gaúcha do que pela nacional, refletindo a sua estreita vinculação com o setor exportador. O terceiro momento da evolução das taxas mensais de crescimento é caracterizado por um contínuo processo de recuperação, o qual demorou mais a iniciar no Rio Grande do Sul do que no Brasil, embora resultasse em taxas mais elevadas quando se observa a evolução entre meses consecutivos ao longo do ano de 2009¹. O melhor

¹ Essas taxas são positivas na maior parte de 2009, sendo que a indústria gaúcha cresceu 12,41% entre maio (mês do primeiro resultado positivo) e dezembro. Já a indústria de transformação brasileira cresceu continuamente entre janeiro e dezembro, somando 14,90%. Se também fosse considerado esse período para a indústria gaúcha, o crescimento teria sido ainda mais vigoroso do que o de sua congênera nacional (18,80%).

desempenho concentra-se, conforme fica claro no Gráfico 1, no último trimestre do ano, em razão tanto da base deprimida do ano anterior como do aumento da produção decorrente da demanda de final de ano².

De modo geral, não há grande diferença de tendência entre o Brasil e o Rio Grande do Sul. As duas indústrias vivem um momento de recuperação moderada, relativamente contínua no caso brasileiro, porém mais irregular na indústria gaúcha, que apresenta maior alternância de taxas positivas e negativas.

As informações relativas ao mercado de trabalho industrial também sinalizam essa trajetória de recuperação, embora o estoque de empregos não tenha atingido os níveis de dezembro de 2008. Ao longo do segundo semestre, observou-se uma aceleração do crescimento da geração de empregos tanto em nível nacional quanto estadual. A indústria de transformação brasileira acumulou um saldo positivo de 10,9 mil novos trabalhadores formais, segundo dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e do Emprego — CAGED; a gaúcha apresentou ainda um saldo negativo, com destruição de 1,8 mil vagas. O salário médio dos trabalhadores da indústria de transformação também cresceu em 2009, especialmente no Rio Grande do Sul, com efeitos positivos sobre a massa salarial e o poder aquisitivo dos trabalhadores formais.

Em setembro, a Sondagem Industrial realizada pela FIERGS já revelara melhora das expectativas empresariais, especialmente para a evolução da demanda interna, com reflexos positivos sobre os níveis de emprego industrial. Mas os empresários também sinalizaram a continuidade de perdas na margem de lucro e dificuldades no acesso ao crédito entre outros fatores (Estado..., 2009). No final do ano, os empresários industriais confirmaram o seu otimismo também em relação ao primeiro semestre de 2010.

Em dezembro, ficou claro que a indústria gaúcha se encontrava em um processo de superação das perdas decorrentes da crise financeira mundial, mas o patamar de produção pré-crise ainda não foi atingido, o que deverá acontecer apenas no segundo semestre de 2010.

Em termos da produção física das atividades industriais, conforme mostra a Tabela 3, elaborada com

dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF) do IBGE, a recuperação vem sendo liderada pela produção de segmentos que, ao longo do ano, evoluíram de taxas acumuladas negativas para positivas (celulose, papel e produtos de papel; outros produtos químicos; e mobiliário); de segmentos que tiveram uma melhora da sua *performance* em cerca de 50%, embora ainda continuem com taxas negativas (fumo; metalurgia básica; e veículos automotores); e de segmentos que melhoraram o seu desempenho já positivo em cerca de 100% (refino de petróleo e álcool). A contribuição relativa dessas atividades para a formação da taxa global da indústria de transformação gaúcha, contudo, deve ser ponderada pelo peso de cada uma delas no Valor da Transformação Industrial.

Dos 14 ramos pesquisados pelo IBGE no Rio Grande do Sul, cinco chegaram em dezembro com uma taxa de crescimento acumulada positiva no ano, na comparação com 2008 (foram três no acumulado do primeiro trimestre, dois no período jan.-jun. e três nos nove primeiros meses do ano). Desses cinco ramos, sobressaem refino de petróleo e álcool (18,93%) e outros produtos químicos (6,32%), que integram a cadeia petroquímica e respondem por 14,61% do VTI e 2,85% do emprego formal da indústria de transformação³.

No caso do **refino de petróleo** e álcool, o bom desempenho decorreu do aumento na fabricação de óleo diesel e outros óleos combustíveis da Refinaria Alberto Pasqualini (Refap), que elevou a utilização da capacidade instalada para processamento de petróleo para cerca de 80% no segundo semestre do ano. Boa parte dessa produção adicional foi encaminhada para o mercado externo, notadamente para os países do Mercosul. A *performance* positiva de outros produtos químicos, por sua vez, reflete a elevada participação da petroquímica (cerca de 75%), que se recuperou mais rapidamente da crise internacional.

A indústria petroquímica brasileira vem passando por um amplo processo de fusões e incorporações desde 2002, quando foi criada a Braskem, tendo a Odebrecht como controladora. Esse movimento de concentração de capitais segue uma tendência mundial que preconiza a formação de empresas que operem em grande escala.

Atualmente, com a compra da Petroquímica Quattor pela Odebrecht e pela Petrobrás, a Braskem, que tem a Petrobrás como sócia, transforma-se na maior empresa

² Em bases trimestrais, a indústria de transformação gaúcha cresceu 1,8 ponto percentual mais do que a brasileira no último trimestre, na comparação com igual período em 2008. A melhor *performance* estadual também pode ser observada quando se compara o quarto com o terceiro trimestre do mesmo ano (RS: 4,8%; BR: 3,6%). Dez setores contribuíram para esse resultado, com destaque para a produção de veículos automotores.

³ A adição do terceiro ramo que integra a cadeia petroquímica, borracha e plásticos, que apresentou desempenho negativo, eleva essa participação, respectivamente, para 18,72% e 8,98%.

produtora de resinas das Américas. Trata-se de uma situação apontada como preocupante, especialmente pela indústria de plásticos, pois a Braskem passou a operar os dois primeiros estágios da indústria petroquímica, de modo a ser o único fornecedor de resinas termoplásticas no Brasil, configurando assim um monopólio no setor.

As demais contribuições positivas para a formação da taxa global da indústria de transformação gaúcha foram dadas por bebidas (5,77%), celulose, papel e produtos de papel (6,26%) e mobiliário (4,49%).

Depois de um desempenho negativo em 2008, a produção de bebidas (participando com 3,16% no VTI e 1,29% no emprego formal da indústria de transformação do RS) voltou a crescer em 2009, embora sem recuperar o patamar produtivo de 2007. As perspectivas, contudo, são boas para esse segmento, pois estudos mostram que o consumo anual de bebidas não alcoólicas (água mineral, sucos e refrigerantes) está em ascensão no Brasil. O consumo de água e sucos cresce na preferência do público em função da tendência de valorização dos produtos naturais. No consumo de refrigerantes, o Brasil aparece como um dos poucos países que mostra crescimento nesse segmento (Giesteira, 2009).

No segmento produtor de bebidas alcoólicas no RS (vinho, espumante, cerveja e chope), que representa 73% do total da produção da atividade bebidas⁴, o desempenho de 2009 também foi favorável. Os fortes investimentos efetuados nos parreirais e vinhos da Metade Sul do Estado nos últimos anos propiciaram ganhos de qualidade ao vinho gaúcho, que passou a atuar, inclusive, no segmento *premium* e *superpremium*, competindo com o produto importado.

A indústria gaúcha de **celulose, papel e produtos de papel** repetiu, em 2009, o desempenho positivo de 2008, após amargar uma queda substancial no primeiro trimestre do ano, em decorrência da crise internacional. O preço da celulose, que despencou naquela ocasião, recuperou-se ao longo do ano, aproximando-se dos níveis anteriores à crise. A fabricação de papel e papelão, mais voltada para o mercado interno, conseguiu alcançar o patamar produtivo de 2008.

A indústria de celulose foi beneficiada pela redução da oferta mundial ante o fechamento de unidades produtoras de celulose no Hemisfério Norte, algumas delas de celulose de fibra curta, de menor custo, onde o Brasil é mais competitivo. Além disso, deve-se ressaltar

a demanda crescente da China, que passou a ser o principal destino das exportações gaúchas de celulose.

O setor **mobiliário** (3,23% do VTI e 5,04% do emprego formal na indústria de transformação no RS) experimentou uma recuperação um pouco mais lenta ao longo de 2009, obtendo sua primeira taxa positiva no acumulado jan.-dez. A fabricação de móveis foi favorecida pelo aumento do consumo das classes mais baixas, associado aos planos governamentais de fomento da construção civil direcionados para essas classes, elevando a oferta de crédito e ampliando a facilidade de acesso a financiamentos. Porém, o impulso efetivo ocorreu em meados de novembro, em decorrência da isenção do IPI para móveis de madeira, plástico, aço e ratan e painéis de madeira. Dessa forma, o aquecimento do mercado interno reduziu o impacto da queda das exportações, que chegou a 30%. As vendas para a Argentina, o principal destino dos móveis gaúchos, decresceram ainda mais. Esse País foi fortemente atingido pela crise internacional e ampliou os entraves para a entrada de produtos vindos do exterior.

Como já foi mencionado anteriormente, nove ramos industriais contribuíram negativamente para a formação da taxa global da indústria de transformação gaúcha. Os destaques recaem sobre o complexo metal-mecânico (máquinas e equipamentos; veículos automotores; metalurgia básica; e produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos) e bens de consumo não durável, em especial, calçados e artigos de couro; alimentos; e fumo. É nesse grupo que se encontram as atividades mais representativas em termos de participação no VTI e no emprego formal industrial.

A atividade **máquinas e equipamentos**, bastante influenciada pelo declínio na produção de máquinas agrícolas e de ferramentas hidráulicas de motores não elétricos, representou a maior contribuição negativa para a formação da taxa global em 2009, com queda de 28,22% em relação à produção de 2008, em consequência da crise financeira internacional, que paralisou a atividade industrial no último trimestre de 2008, juntamente com uma redução enorme do comércio internacional, dessas mercadorias. O ramo possui participação expressiva no VTI (10,38%) e no emprego industrial formal (8,80%).

A fabricação de máquinas e implementos agrícolas responde por 37% do total produzido pela atividade máquinas e equipamentos no Rio Grande do Sul⁵. O Estado sedia, entre outras, três fábricas de tratores (Agrale, John Deere e AGCO) e duas de colheitadeiras (John Deere e AGCO), que realizam cerca de 50% das

⁴ Segundo levantamento do IBGE, realizado em março de 2005, com o objetivo de fundamentar a metodologia da PIM-PF (Breitbach; Castilhos, 2009).

⁵ Ver nota de rodapé 4.

vendas no mercado interno e direcionam parcela importante da produção para o mercado externo.

O ano de 2009 começou com estoques elevados, produção em queda, demissões e encolhimento das exportações. As exportações declinaram 50%, com resultados piores no segmento de colheitadeiras do que no de tratores. Foi o mercado interno que trouxe um certo dinamismo para essa indústria, principalmente em função dos programas governamentais que estimularam as vendas de tratores de baixa potência (até 75 cv) para pequenos produtores⁶ e da linha de crédito Finame Agrícola Programa de Sustentação do Investimento (PSI), lançada em agosto pelo BNDES, com juros de 4,5% ao ano (eram de 10,5%), visando possibilitar a renovação de maquinário por médios e grandes produtores. É importante salientar, contudo, que a existência de crédito por si só não garante um bom resultado. A falta de acesso ao mesmo, em decorrência da inadimplência dos produtores rurais concentrados na Região Centro-Oeste, e da exigência dos bancos em restringir o crédito aos bons pagadores, tem inviabilizado várias operações de financiamento (John Deere..., 2009).

No mercado externo, o segmento produtor de máquinas e implementos agrícolas foi muito prejudicado pela quebra da safra 2008/2009 e por dificuldades tributárias na Argentina, o principal destino das exportações gaúchas. Além disso, com a crise financeira e a valorização da moeda nacional, o segmento perdeu mercados e competitividade internacional.

Os dados divulgados pela Anfavea comprovam o melhor desempenho do segmento fabricante de tratores em decorrência da demanda por tratores de pequeno porte estimulada pelos programas governamentais já mencionados (produção: -17,5%; vendas internas: -4,7%; exportações: -46,4%). No caso das colheitadeiras, os números são muito mais desfavoráveis: (produção: -46,4%; vendas internas: -14,4%; exportações: -71,6%) (Carta Anfavea, 2010).

A atividade máquinas e equipamentos no Rio Grande do Sul também reflete os recuos na produção de ferramentas hidráulicas de motor não elétrico e de máquinas para o complexo coureiro-calçadista, que se encontra em retração desde 2006. Outros segmentos, como a produção de aparelhos de ar condicionado, contudo, encontram-se em recuperação de perdas.

A indústria gaúcha de **veículos automotores** também teve forte contribuição negativa para a formação

da taxa global da indústria de transformação. Depois de um forte crescimento no triênio 2006-08, o ano de 2009 acarretou redução na produção dessa indústria, que se compõe dos seguintes segmentos no Estado: automóveis, jipes, camionetes para passageiros e caminhões (28,5%); carrocerias para ônibus (25,2%); implementos rodoviários — reboques e semirreboques (22,9%); e peças e acessórios automotivos (23,4%)⁷.

As maiores dificuldades concentraram-se no mercado externo, para o qual eram destinados em torno de 25% da produção antes da crise e que passou a absorver apenas cerca de 10% no período posterior a ela. No mercado interno, a redução não foi maior por conta da redução do IPI para automóveis até outubro e sua prorrogação para os modelos flex até março de 2010, o que estimulou a demanda interna. Os ônibus e caminhões também foram beneficiados pela desoneração fiscal, além da diminuição da taxa de juros e alongamento do prazo de financiamento no âmbito do programa Procaminhoneiro, criado pelo BNDES em 2006. Dessa forma, o aquecimento do mercado interno viabilizou a manutenção de um certo patamar produtivo e a recuperação parcial dos postos de trabalho perdidos no último trimestre de 2008 e início de 2009.

No que concerne aos implementos rodoviários, os fabricantes de reboques e semirreboques (linha pesada) no Rio Grande do Sul, cuja produção corresponde a dois terços do total produzido em nível nacional, relatam que, apesar do desempenho negativo, se iniciou um processo de recomposição de margens, afetadas pelas turbulências internacionais. A produção voltou a crescer de forma gradual e consistente, com base nas projeções de boas safras agrícolas, de crescimento da construção civil, continuidade do aumento de crédito e novas obras de infraestrutura, petróleo e gás.

A produção de carrocerias para ônibus teve seu ritmo intensificado somente a partir de setembro. O desempenho foi prejudicado pelos impactos da crise, pela indefinição do marco regulatório das concessões das linhas federais e internacionais e pelo lento desenvolvimento do programa Caminho da Escola, que previa a aquisição de coletivos para o transporte escolar, entre outros fatores. A gaúcha Marcopolo, líder do segmento no Brasil, projeta recuperação do ritmo de produção, com ampliação de investimentos no País e também em outros países, onde a empresa geralmente produz no regime *joint-venture*.

Ainda no complexo metal-mecânico, tem-se **metalurgia básica e produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos**. Ambas as atividades

⁶ São eles: Programa Mais Alimentos, criado pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário; Programa Trator Solidário, criado pelo Governo do Paraná; Programa Pró-Trator, criado pelo Governo de São Paulo.

⁷ Ver nota de rodapé 4.

apresentaram desempenho desfavorável em 2009, acompanhando os fortes recuos na produção de máquinas e equipamentos e veículos automotores. Destaca-se, aqui, a atividade siderúrgica, que recuou também em nível internacional paralelamente à queda dos preços das commodities dos recursos naturais, como minério de ferro, ferro gusa e aço bruto.

As últimas informações sobre a atividade metalúrgica brasileira, que inclui a siderurgia, são de que ela começa a se aproximar da normalidade, impulsionada pela redução do IPI para o setor automotivo (montadoras e fabricantes de autopeças), para a produção de eletrodomésticos da linha branca e alguns insumos da construção civil. O reajuste de preço do aço no mercado interno a partir de setembro, visando à recuperação dos elevados descontos oferecidos na fase crítica da crise no início do ano, contudo, tem provocado reações negativas nos demais setores industriais. Além disso, o mercado externo continua desaquecido.

Além dos recuos de produção nas indústrias do complexo metal-mecânico, ocorreram desempenhos desfavoráveis na produção de alimentos e de fumo e novas perdas substanciais no complexo coureiro-calçadista.

A indústria de **alimentos** gaúcha decresceu 5,41% em 2009, após ter apresentado desempenhos positivos nos últimos anos. Esse resultado é importante na medida em que ela possui elevada representatividade no VTI (14,31%) e no emprego industrial (15,50%). O recuo na produção, contudo, não foi tão acentuado, pois parte dos subsectores de alimentação foram pouco atingidos, tendo em vista os programas assistenciais do Governo e a relativa sustentação dos níveis de emprego e da massa salarial.

O segmento produtor de leite e derivados não tem informado perdas expressivas de produção. A avicultura parece estar mostrando um descompasso entre a produção e a demanda interna, acompanhada de uma elevação de preços, mas as exportações de carne congelada de frango mantiveram-se relativamente estáveis. O Brasil é líder mundial das exportações desse produto desde 2004, embora não seja o maior produtor. No segmento de carnes bovinas, observou-se diminuição de 32,3% nas exportações em 2009, em decorrência do encolhimento dos mercados consumidores dos países desenvolvidos e da valorização da moeda nacional, que acarreta perdas de competitividade à carne brasileira em relação aos principais concorrentes. Os frigoríficos passaram a deslocar parte da produção de cortes especiais para o mercado interno, favorecendo o consumidor nacional.

A indústria do **fumo** inclui a produção de fumo processado e de cigarros. Trata-se de uma atividade preponderantemente exportadora e com o dinamismo originado no mercado internacional. As exportações de fumo em 2009 cresceram 10% em valor, mas decresceram 6% em volume. No Rio Grande do Sul, tem-se observado um encolhimento dessa atividade produtiva nos últimos anos por conta da redução gradual do consumo de cigarros e da transferência de unidades de produção para Santa Catarina. A esses fatores deve-se adicionar a influência da política cambial, que vem se pautando por longos períodos de valorização do real frente ao dólar, com prejuízo da competitividade do produto nacional. A elevação do preço médio do tabaco tem sido uma estratégia dominante para compensar a contínua queda nos volumes exportados nos últimos anos.

A fabricação de **calçados e artigos de couro**, que responde por 8,06% do VTI e 22,18% do emprego industrial formal no Rio Grande do Sul, é o último setor que será analisado neste artigo. Com um novo recuo da produção em 2009 (-19,96%), esse resultado dá continuidade à trajetória de declínio que iniciou em 2005, em resposta à crescente participação dos calçados chineses em mercados que vinham sendo ocupados pelos fabricantes gaúchos e à prolongada valorização do real. Como a indústria calçadista do Rio Grande do Sul é fortemente direcionada para o mercado externo, esses fatores impactam negativamente os níveis de produção.

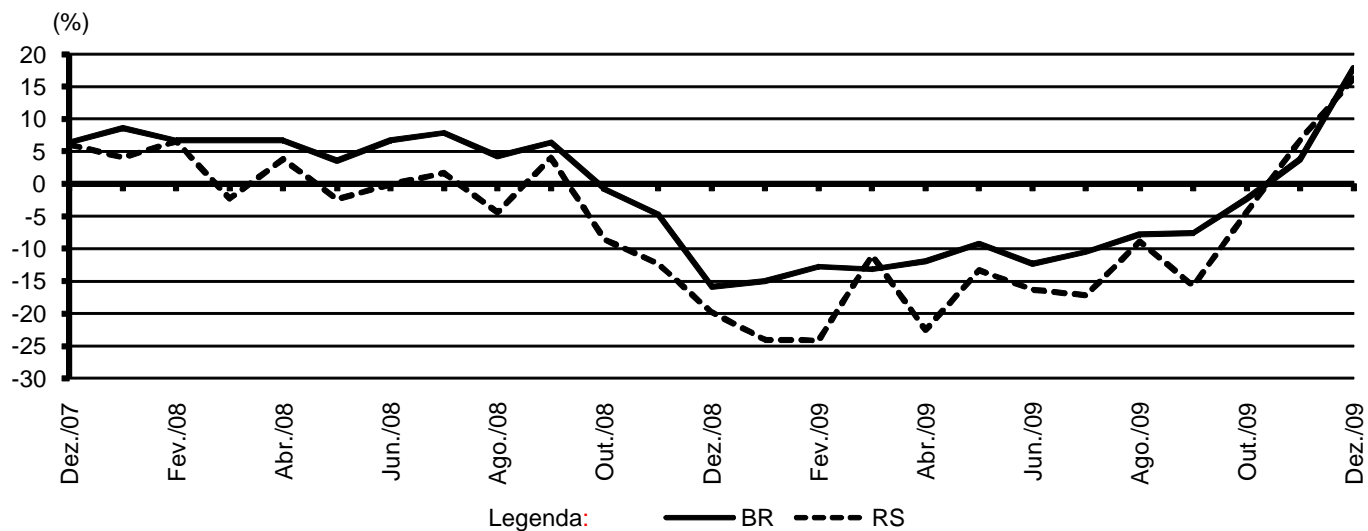
Em 2009, essa situação da indústria de calçados foi agravada pela crise que se abateu sobre os principais mercados compradores: Argentina, Estados Unidos e Europa. As fábricas gaúchas registraram uma queda de 30,9% no número de pares exportados, e de 31,5% no faturamento, mas continuam mantendo a liderança das exportações nacionais de calçados em valor. A variação no preço médio também ficou negativa.

Particularmente preocupantes são as perdas decorrentes dos problemas enfrentados pela Argentina, que levaram o País a impor licenças não automáticas e demora de até 120 dias na liberação das importações. Alguns fabricantes gaúchos estudam a possibilidade de produzir dentro do País que, juntamente com a busca de novos mercados, visa evitar o abalo sofrido pelas exportações experimentado em 2009.

A boa notícia é que as importações de calçados chineses foram reduzidas com a imposição de uma sobretaxa de US\$ 12,47 por par, em vigor desde 9 de setembro de 2009, favorecendo a produção interna de calçados. O aumento das vendas no mercado interno contribuiu para estancar as demissões que ocorriam no setor.

Gráfico 1

Taxas de crescimento da produção física da indústria de transformação no Rio Grande do Sul e no Brasil — dez./07-dez./09



FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2007/2009. Disponível em: <<http://sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 5 fev. 2010.

NOTA: Taxas obtidas a partir dos índices de base fixa com ajustamento sazonal. Média de 2002 = 100.

Tabela 3

Taxas de crescimento acumuladas da produção física da indústria e estrutura setorial do VTI e do emprego industrial, por atividades, no Rio Grande do Sul — 2007-09

ATIVIDADES INDUSTRIAIS	PRODUÇÃO FÍSICA (1)					ESTRUTURA SETORIAL EM 2007	
	2008	2009				VTI	Emprego Formal
	Jan.-dez.	Jan.-mar.	Jan.-jun.	Jan.-set.	Jan.-dez.		
Indústria de transformação	2,35	-16,85	-13,51	-11,48	-7,16	100,00	100,00
Alimentos	7,68	-8,20	-8,65	-5,68	-5,41	14,31	15,50
Bebidas	-7,82	5,09	-0,24	2,81	5,77	3,16	1,29
Fumo	-7,63	-20,03	-2,13	-0,67	-1,82	5,03	1,01
Calçados e artigos de couro	-7,71	-26,39	-27,77	-24,73	-19,96	8,06	22,18
Celulose, papel e produtos de papel	5,32	-0,16	0,89	6,39	6,26	2,24	1,55
Edição, impressão e reprodução de gravações	0,78	2,30	-6,43	-9,43	-11,14	1,13	3,48
Refino de petróleo e álcool	-6,37	9,33	9,67	13,66	18,93	2,15	0,24
Outros produtos químicos	-7,07	-25,16	-3,91	-1,33	6,32	12,46	2,61
Borracha e plástico	1,55	-22,47	-20,30	-20,34	-16,00	4,11	6,13
Metalurgia básica	2,27	-45,02	-37,95	-30,63	-18,49	3,27	2,33
Produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos	4,88	-23,08	-20,21	-19,80	-15,97	6,28	7,76
Máquinas e equipamentos	22,12	-29,15	-33,86	-31,87	-28,22	10,38	8,80
Veículos automotores	12,14	-29,51	-25,43	-25,81	-15,87	9,53	6,41
Mobiliário	4,66	-22,34	-11,24	-5,31	4,49	3,23	(2) 5,04
Demais atividades	15,66	15,67

FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2007/2009. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 5 fev. 2010.

PESQUISA INDUSTRIAL ANUAL-Empresa. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

EMPRESA: Brasil. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego; RAIS, 2007.

NOTA: O IBGE e a RAIS trabalham com 27 atividades na seção indústria de transformação. Para os índices mensais de produção física no RS, somente 14 atividades apresentam informações.

(1) Os dados têm por base igual período do ano anterior = 100. (2) Estimativa.

Considerações finais

Em 2009, a indústria brasileira teve uma diminuição de 7,4%, decorrente da contração da produção física de quase todas as atividades produtivas, tanto as relativas à indústria de transformação quanto as relativas às atividades extrativas. Esse fraco desempenho é resultado dos efeitos da crise financeira global, eclodida em setembro de 2008, manifestados no País em queda nas exportações, diminuição das importações, restrição de crédito, interno e externo, e corte abrupto da produção física industrial.

O impacto da crise foi maior no final do ano de 2008 e no primeiro trimestre de 2009, em razão da forte

instabilidade e da incerteza que passaram a predominar no ambiente econômico; os empresários realizaram cortes profundos na produção e no emprego e adiaram investimentos. No intuito de amenizar os efeitos recessivos, o Governo procurou estimular a demanda mediante estímulos ao crédito e desoneração tributária para automóveis e eletrodomésticos da “linha branca”. A rapidez na implantação dessas medidas possibilitou que, após dois trimestres de acentuada redução na produção física, realizados principalmente para ajustar estoques, a indústria apresentasse recuperação no nível de atividade a partir do segundo trimestre de 2009. Assim, a implementação de medidas anticíclicas, entre outras, não deixou que a economia brasileira entrasse em recessão.

A magnitude e a duração dessa nova retomada, no entanto, dependerão também do comportamento das exportações, dependente da recuperação da demanda mundial e da taxa de câmbio, e da evolução das taxas de juros. As previsões iniciais sobre o comportamento das principais variáveis macroeconômicas em 2010 indicam que a câmbio tende a manter o viés de apreciação e a taxa Selic; a partir de abril, deverá iniciar uma fase de elevação, com consequências sobre o ritmo de crescimento da produção.

Da mesma forma que o ocorrido em nível nacional, a indústria de transformação no Rio Grande do Sul também apresentou desempenho desfavorável em 2009, com uma queda de 7,2% no acumulado no ano, embora seja evidente um processo de recuperação a partir do segundo trimestre. A forte vinculação da matriz industrial gaúcha com a agropecuária e com o setor exportador influenciou negativamente o desempenho da indústria em 2009. Destacam-se máquinas e equipamentos (notadamente máquinas e implementos agrícolas), veículos automotores e calçados e artigos de couro, que possuem elevada representatividade no VTI e no emprego formal na indústria de transformação gaúcha.

Frente às dificuldades presentes no mercado externo, com a diminuição substancial dos volumes comercializados, a retomada da atividade industrial ao longo de 2009 foi fortemente baseada no mercado interno, estimulado pela expansão do consumo das famílias via aumento do emprego e da massa de salários, maior facilidade de acesso ao crédito, queda da taxa de juros, medidas de desonerações fiscais e política assistencialista do Governo Federal. Esses fatores também deverão sustentar a recuperação mais intensa da indústria gaúcha, pelo menos no primeiro semestre de 2010, pois a demanda externa não dá sinais de uma retomada vigorosa.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS — ABICALÇADOS. **Estatísticas**. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/estatisticas.html>>. Acesso em: 14 jan. 2010.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS — ABICALÇADOS. **Histórico das exportações brasileiras de calçados**: período 1990 a 2008. Novo Hamburgo, 2009. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/documentos/>>. Acesso em: jan. 2010.
- BREITBACH, Áurea de M.; CASTILHOS, Clarisse C. Indústria gaúcha e brasileira em 2008: desempenho abalado pela crise mundial. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p. 29-40, 2009.
- CALANDRO, Maria Lucrécia; CAMPOS, Silvia Horst. Bom desempenho da indústria gaúcha em 2007: expansão ou recuperação? **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 35, n. 4, p. 61-72, 2008.
- CARTA DA ANFAVEA. São Paulo, n. 284, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.anfavea.com.br/cartas/Carta284.pdf>>. Acesso em: fev. 2010.
- CARTA DE CONJUNTURA. Brasília: IPEA, set. 2009. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/>>. Acesso em: fev. 2010.
- CARTA IEDE. São Paulo, n. 401, 5 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/>>. Acesso em: fev. 2010.
- CINTRA, Luiz Antonio. Nosso destino é a fazenda? **Carta Capital**, n. 582, 10 fev. 2010.
- ESTADO retoma a produção e emprego afirma FIERGS. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 12, 27/28/29 nov. 2009.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER — FEE. **Estimativas do PIB industrial 2009**. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas/>>. Acesso em: 30 dez. 2009.
- GIESTEIRA, Marcos. Água e sucos crescem na preferência do público. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 13, 26 out. 2009.
- GRANER, Fábio. Investimento de estatais bate recorde em 2009. **O Estado de São Paulo**, p. B-5, 29 jan. 2010.
- INDICADORES IBGE: pesquisa industrial mensal: produção física Brasil. Rio de Janeiro, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/>>. Acesso em: 5 fev. 2010.
- INDICADORES IBGE: pesquisa industrial mensal: produção física regional — dez. 2009. Rio de Janeiro, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/>>. Acesso em: 6 fev. 2010.
- JOHN DEERE cresce em tratores e cai 30% na venda de colheitadeiras. **Jornal do Comércio**, 19 nov. 2009, p. 12.

MONTEIRO, Ricardo Rego. BNDES libera crédito recorde em ano de crise. **Brasil Econômico**, São Paulo, p. 10, 29 jan. 2010.

POR QUE crescemos menos do que os outros? **Informe Econômico**, Porto Alegre, FIERGS, n. 2, 11 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.fiergs.org.br/>>. Acesso em: 22 jan. 2010.

O QUE esperar da economia gaúcha em 2010. **Informe Econômico**, Porto Alegre, FIERGS, n. 1, 4 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.fiergs.org.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2007/2009. Disponível em: <>. Acesso em: 5 fev. 2010.

PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2008-2009. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: fev 2010.

SOUZA, Francisco Eduardo Pires de. Da reativação da economia ao crescimento de longo prazo: a questão da competitividade e do câmbio. In: FÓRUM ESPECIAL 2009: Na crise — esperança e oportunidade, desenvolvimento como 'sonho brasileiro': oportunidade para as favelas. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Altos Estudos (INAE), 17-18 set. 2009.